

Alfabetização Histórica em materiais didáticos: significados e usos

Maria Inês Sucupira Stamatto*

RESUMO: O estudo resulta da investigação sobre alfabetização histórica em materiais didáticos, priorizando-se os livros didáticos. Partiu-se do pressuposto de que diferentes conceitos de alfabetização histórica (*historical literacy*) alteram o ensino de História no aspecto teórico-metodológico. Os objetivos são identificar os significados para esta noção e distinguir seus usos entre os autores. Após, se verificará como estes conceitos sustentam as propostas de ensino-aprendizagem em História para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Em outra etapa da pesquisa, analisa-se a repercussão da alfabetização histórica nas propostas para o ensino de História, apesar do número reduzido de obras que a adotam. As conclusões preliminares estão baseadas nas coleções de História que serão adotadas nas escolas públicas do Ensino Fundamental, constantes no Guia de História – PNLD 2010.

Palavras-chaves: Alfabetização histórica. Educação histórica. Livro didático de história.

Alphabétisation historique dans les matériaux didactiques: significations et usages

RESUME: L'étude est le résultat de l'investigation sur l'alphabétisation historique dans les matériaux didactiques, ayant comme priorité les livres didactiques. On part du pressupposé que des différents concepts de l'alphabétisation historique (*historical literacy*) changent l'enseignement d'Histoire sur le sens théorique-méthodologique. Les objectifs sont d'identifier les significations pour cette notion et en distinguer leurs usages parmi les auteurs. Après, on vérifiera comment ces concepts soutiennent les propositions d'enseignement-apprentissage en Histoire pour les années initiales de l'Enseignement Fondamental. Dans une autre étape de la recherche on analysera la repercussion de l'alphabétisation historique sur les propositions pour l'enseignement d'Histoire, malgré le nombre réduit d'ouvrages qui l'adoptent. Les conclusions préliminaires sont basées dans les collections d'Histoire qui seront adoptés dans les écoles publiques de l'Enseignement Fondamental, inscrites dans le Guide d'Histoire – PNLD 2010.

Mots-Clés: Alphabétisation historique. Éducation historique. Livre didactique d'Histoire

Apresentamos resultados da primeira etapa de investigação sobre alfabetização histórica em materiais didáticos. Priorizamos os livros didáticos destinados aos 2º e 3º anos das coleções de História, porque compõem, com o 1º ano, o primeiro ciclo de escolarização, destinado a alfabetização, do Ensino Básico, no Brasil. Estamos focalizando a disciplina de História e, por isso, não estudamos materiais referentes ao 1º ano, visto não estar previsto a

* Prof.^a Dr.^a do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

adoção de livros desta área para o ano inicial. As conclusões, neste primeiro momento, decorrem da análise das coleções de História que serão adotadas nas escolas públicas no primeiro segmento do Ensino Fundamental, constantes no Guia de História – PNLD 2010.

Partimos do pressuposto de que diferentes conceitos de alfabetização histórica – *Historical Literacy* – alteram teórica-metodologicamente o ensino de História. Temos como objetivos identificar significados para esta noção e distinguir seus diferentes usos associando-os ao quadro referencial empregado pelos autores. Em seguida, verificamos em que medida estes conceitos embasam propostas de ensino-aprendizagem em História para os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Significados: alfabetização e letramento

Atribui-se aos gregos, na Antiguidade, a invenção das vogais, a difusão e adoção do alfabeto fenício, como também a invenção do método de alfabetização sobre o qual podemos afirmar que milhões de pessoas aprenderam a ler e a escrever, através dos três milhares de anos que se passaram desde que as primeiras crianças “cantaram” o *bê-a-bá*. Este método, onde se aprendia separadamente a ler e a escrever, foi sendo adotado por outros povos, passando por adaptações e transformações, mas, em geral, chamado simplesmente de alfabetização.

No último quarto do século XX, surgiu o conceito de *alfabetização funcional* e *letramento* por oposição a *analfabetismo funcional* e *iletrado*.

O fato de que em todas as sociedades, inclusive nas mais avançadas, existe uma parte da população alfabetizada para a qual é difícil utilizar a leitura, a escrita e o cálculo elementar em sua vida cotidiana, tem levado ao progressivo uso do conceito de analfabetismo funcional, também chamado de iletrismo em alguns meios europeus (ROCA, 1989:5).¹

Percebemos que o conceito de alfabetização funcional foi abandonado, cedendo lugar, todavia, a conceitos mais particulares relativos a domínios específicos do conhecimento, como por exemplo, alfabetização literária (PRETO-BAY, 2007:20); alfabetização matemática (DANYLUK, 1998), alfabetização informática/ educação tecnológica (LITWIN, 2001:121; LOBO NETO, 2007); educação ecológica (HUTCHISON, 2000); alfabetização histórica/ educação histórica (NAKOU, 2007; SCHMIDT; GARCIA; CAINELLI; MEDEIROS; BARCA; MAGALHÃES; LEE; COOPER; PRATS; 2006).

¹ Tradução livre pela autora.

Em relação ao processo de alfabetização, ainda não há um consenso a respeito do melhor método para aprender a ler e escrever. Entre autores que se debruçam sobre a aprendizagem da língua materna (BARBOSA, 1990; TFOUNI, 1995; LAJOLO e ZILBERMAN, 1996; ABREU, 2000; FERREIRO, 2001; MACIEL, 2002) encontramos muitas pesquisas demonstrando a importância da etapa da preparação e decodificação antes da compreensão da leitura, como também outras que afirmam que a efetiva aprendizagem de uma língua só pode ser realizada na inserção social do indivíduo em sua cultura. Há ainda os que defendem que esses procedimentos não são antagônicos. Assim, atualmente, há uma grande variedade de livros de alfabetização que empregam o método analítico-sintético, anteriormente denominado de misto ou eclético.

No entanto, esses termos sofreram atualizações, decorrente da interface com as últimas concepções pedagógicas e da renovação da própria área de referência. Os métodos sintéticos (alfabético, fônico, silábico) estão sendo percebidos como a análise e reflexão sobre as propriedades sonoras da fala, em sua relação com os mecanismos gráficos da escrita, e, identificados, em geral, com o conceito de *alfabetização*. Os métodos analíticos (palavração, frases, global/ textos) considerados processos articulados aos usos sociais da escrita e da leitura ficaram associados ao conceito de *letramento*. Ambos são considerados significativos para a alfabetização, muitas vezes, aparecendo combinados nos livros didáticos da Língua Portuguesa.

Chartier e Hébrard (2001) demonstraram, em relação aos livros de alfabetização, que a discussão e a terminologia empregadas na elaboração deste material variou a cada momento. Por volta de 1830, os debates giravam em torno de métodos de soletração e métodos não-soletrativos; em 1880, a discussão passou a ser sobre os métodos de leitura com aprendizagem simultânea da escrita ou apenas da leitura; desde os anos de 1920, utiliza-se a terminologia de métodos globais², por oposição aos silábicos; na década de 1950, contrastavam-se métodos analíticos (globais) e sintéticos (silábicos), aparecendo os métodos mistos ou ecléticos; e por fim, discute-se, a partir dos anos 1970, os métodos de ler – no sentido de compreender, *versus* métodos de ler – no sentido de decodificar.

Atualmente, passou-se, à terminologia de letramento e alfabetização, dispensando-se a palavra método. Mortatti (2007:160) nos informa que os primeiros registros, no Brasil, deste termo são creditados a Mary Kato, em 1986, “mas o termo passou a ser usado mais sistematicamente e extensivamente na década de 1990 [...]”.

² Não confundir com método globalizado dos autores da Escola Nova.

Mortatti (2006) também nos apresenta quatro momentos para a história do ensino de leitura: 1º - *a metodização do ensino da leitura*, de 1876 a 1890, quando se iniciam as disputas entre os métodos de alfabetização no Brasil; 2º - *a institucionalização do método analítico*, a partir de 1890, com as reformas republicanas e a defesa deste método pelas escolas normais; 3º - *a alfabetização sob medida*, em meados da década de 1920, quando se introduzem outros fatores no entendimento do processo de alfabetização, além da questão do método, como o nível de maturidade, as habilidades necessárias, a aprendizagem simultânea da leitura e da escrita e o período preparatório. Na década de 1930 surgem também os testes ABC e o método misto ou eclético; 4º - *alfabetização: construtivismo e desmetodização*, quando, no início da década de 1980, importa-se o pensamento construtivista sobre alfabetização, especialmente de Emília Ferreiro, passando-se inclusive a questionar o uso de cartilhas.

Porém, além das medidas institucionais, em fins da década de 1950, no Brasil passava-se por outras experiências educacionais, através de movimentos sociais, conhecidos como movimentos da cultura popular, muitos dos quais orientados pela Igreja, pelo movimento estudantil, por intelectuais, por comunidades, entre outros. Intensificaram-se na década 60, sendo a experiência mais renomada a que originou a *Pedagogia Libertadora*. A conscientização política, ou, na expressão consagrada por Paulo Freire (1921-1997), a *leitura do mundo* tomava um sentido fundamental na aprendizagem, sendo operacionalizada principalmente pela reflexão crítica.

Inicialmente realizada em ambientes não escolares, aos poucos foi sendo incorporada e adaptada ao meio escolar, trazendo aportes significativos para o debate da alfabetização. A partir da década de 1980, as propostas apresentadas nos livros didáticos, não somente os de leitura, mas de outras áreas, encaminhavam-se para uma reflexão e para a formação de um modo de pensar crítico, e intencionalmente priorizavam a conscientização política, em vez do conteúdo sistematizado. As atividades deveriam ser permeadas por questionamentos e discussões que fizessem com que os alunos se voltassem para uma ação transformadora da realidade.

Os livros didáticos, alinhados à *Pedagogia Libertadora*, confeccionados em época posterior ao período inicial das experiências de Paulo Freire, se baseavam em temas geradores, não se preocupando em seguir os conteúdos tradicionalmente vistos nas matérias. Essa tendência estabelecia como ponto de partida a história de vida do aluno, para depois trabalhar o resgate da memória familiar, da comunidade ou município. Notamos que estas idéias foram incorporadas a outras áreas do conhecimento, como a História.

Alfabetização Histórica / Educação Histórica

No Brasil o termo *literacy* pode ser traduzido como alfabetismo ou alfabetização, porém, na literatura corrente, a primeira destas palavras não é utilizada. Temos, então, o uso do vocábulo *alfabetização* empregado hoje em dia tanto com o significado restrito de “saber ler e escrever” quanto com o sentido particular de “saber conhecimentos específicos” das várias áreas científicas e tecnológicas, bem como no sentido teórico de “ler o mundo”. Há autores que preferem a tradução aportuguesando a palavra inglesa

Entenda-se literacia não como um conceito restrito apenas às competências de leitura e compreensão lingüísticas: numa acepção abrangente, poderá falar de literacia histórica, tal como de literacia científica, de literacia matemática ou outras (BARCA, 2007:95).

Dessa forma, estamos utilizando os termos literacia histórica, alfabetização histórica e educação histórica como sinônimos, para verificar em que medida estes conceitos embasam propostas de ensino-aprendizagem em História para os primeiros anos do Ensino Fundamental. Em um primeiro momento, buscamos identificar, nos Manuais dos Professores das coleções de História que poderão ser adotadas nas escolas em 2010 (GUIA PNLD 2010) a terminologia empregada na apresentação da proposta pedagógica e das concepções teórico-metodológica adotadas pelos autores. Lembramos que em 2010, segundo a legislação vigente, todas as escolas de Ensino Fundamental no país deverão funcionar com 9 anos, incorporando o primeiro ano de alfabetização em seu currículo.

Procuramos nos Manuais dos Professores o seguinte vocabulário: alfabetização, letramento, competência leitora, alfabetização histórica e educação histórica. Constatamos que das 32 coleções de História (GUIA PNLD 2010), 8 coleções empregaram conceituando ao menos um dos elementos listados acima. Podemos verificar quais obras usaram esta nomenclatura e em que sentido no seguinte quadro:

	Guia 2010	Manual do Professor	Parte geral	Termos Referenciados	Conceitos identificados
1	Eu conto história Ana Claudia Urban; Maria Auxiliadora Schmidt	2º - 48p. 3º - 48p. 4º - 48p. 5º - 48p.	2º - 22p. 3º - 22p. 4º - 22p. 5º - 22p.	Literacia histórica Alfabetização histórica Competência leitora	p.5 - Aprender a ler e a escrever a história, isto é, aprender a pensar historicamente. p.7 – O conceito de literacia histórica entende que a finalidade do ensino de história é levar à população os conteúdos, ideias, métodos, procedimentos e técnicas que o historiador utiliza para

					produzir o conhecimento histórico, ressaltando que não se trata de transformar todas as pessoas em historiadores, mas de pensar historicamente./ na mesma página: alfabetização histórica
2	História para crianças Maria Lima	2º - 56p. 3º - 48p. 4º - 48p. 5º - 72p.	2º - 15p. 3º - 15p. 4º - 15p. 5º - 15p.	Educação histórica Letramento Alfabetização	p.13 – Outro princípio que embasa a coleção é o de que a alfabetização é uma atividade que precisa se dar num ambiente de letramento para que a criança aprenda não só a decodificar, mas a ler o mundo. Conceito de letramento de Magda Soares: é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em um contexto social. p.3 – reflexão sobre os instrumentos por meio dos quais o historiador produz esse conhecimento.
3	Asas para voar: história Anna Maria Charlier Maria Elena Simielli	2º - 40p. 3º - 40p. 4º - 40p. 5º - 40p.	2º - 22p. 3º - 22p. 4º - 22p. 5º - 22p.	Alfabetização Letramento	p.4 – alfabetização e letramento são fenômenos diferentes mas complementares. O primeiro é processo de apropriação, da compreensão e do domínio do sistema da escrita, enquanto o letramento é o processo de se inserir na cultura escrita e participar dela. p.6 – o conhecimento histórico não deve ser oferecido aos alunos de forma pronta e acabada para que simplesmente seja absorvido. Os alunos devem ser capazes de elaborar suas próprias conclusões, derivadas de análise, interpretação e comparação.
4	Pensar e viver: história Rosaly Braga Chianca; Francisco Maria Pires Teixeira	2º - 32p. 3º - 32p. 4º - 32p. 5º - 32p.	2º - 11p. 3º - 11p. 4º - 11p. 5º - 11p.	Aprendizagem da alfabetização e do letramento Consciência histórica Aprendizagem histórica	p.9 – aprender história significa formar uma consciência histórica capaz de se orientar no tempo (passado) e sobre o tempo (presente), construindo e analisando o tempo para torná-lo significativo para nós. A dinâmica da aprendizagem não se realiza quando a história é ensinada como algo dado. Procedimentos metodológicos: aula-oficina/narrativas
5	De Olho no futuro: história Thatiane Pinela Liz Andréia Giaretta	2º - 48p. 3º - 64p. 4º - 63p. 5º - 64p.	2º - 21p. 3º - 21p. 4º - 21p. 5º - 21p.	Competência leitora e oralidade	p.14/15 – O trabalho inter e transdisciplinar em História [...] ganha especial significado no interior do processo de alfabetização lingüística, temporal e espacial da criança. Ou seja, não é necessário primeiro alfabetizar (ensinar a ler e

					escrever no sentido restrito) para depois ensinar História, conforme preconizam alguns educadores, mas ao contrário, a proposta é alfabetizar ensinando e aprendendo História. Assim, a coleção concebe o processo de alfabetização no sentido amplo da palavra: ler e entender o mundo.
6	Projeto Pitangua: história Maria Raquel Apolinário Melani	2º - 64p. 3º - 64p. 4º - 72p. 5º - 72p.	2º - 15p. 3º - 15p. 4º - 15p. 5º - 15p.	Compreensão ou Competência leitora	p.8 – a compreensão é o grande eixo em torno do qual gira a aprendizagem = capacidade de apropriar-se do conhecimento e aplicá-lo em situações relativamente novas. Compreensão ou competência leitora. Leitura não é apenas exercício escolar mas uma forma de relação com o mundo pela construção de significados
7	História (Coleção Curumim) Ernesta Zamboni; Sonia Castelar	2º - 32p. 3º - 32p. 4º - 32p. 5º - 32p.	2º - 14p. 3º - 14p. 4º - 15p. 5º - 15p.	Alfabetização histórica	p.9 - a compreensão dos sentidos das palavras é de fundamental importância. p.4 – O processo de ensino-aprendizagem da História (...) tem em sua essência, uma dinâmica determinada por uma metodologia específica, e para desenvolvê-lo, é necessário que a criança seja alfabetizada em história. p.10 – quando a criança se apropria do conceito expresso por uma palavra, isto é, quando a palavra adquire um significado-, ela passa a poder aplicar este termo a novas situações: a isto se dá o nome de transferência do conhecimento.
8	Ler o Mundo Maria da Conceição Carneiro Oliveira	(Caderno de Assessoria Pedagógica – CAP) 2º - 88p. 3º - 96p. 4º - 96p. 5º - 96p.	2º - 32p. 3º - 32p. 4º - 32p. 5º - 32p.	Letrar crianças, alfabetizar Letramento Competências na linguagem oral e escrita	p.11 – letramento: fazer uso efetivo da escrita

Conclusão

Observamos um número reduzido de obras que consideram em suas proposta teórico-metodológica um conceito de alfabetização histórica, levando-se em consideração que as discussões sobre alfabetização e letramento acontecem no país há pelo menos vinte anos.

Em uma segunda etapa da pesquisa, pretendemos descobrir qual a repercussão para a aprendizagem de História da adoção e desenvolvimento de propostas que se fundamentam na alfabetização histórica, e de que forma os autores acima concretizaram nos livros destinados aos alunos, a educação histórica.

Referências

- ABREU, Marica. **Leitura, História e História da leitura**. São Paulo: FAPESP, 2000.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. **Método silábico e método global: alguns esclarecimentos históricos**. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (10): 141-154, out 2001.
- DANYLUK, Ocsana. **Alfabetização Matemática**: as primeiras manifestações da escrita infantil. Porto Alegre: Sulina / Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FERREIRO, Emilia. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre: ARTEMED, 2001.
- GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS. PNLD 2010: **História**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2009.
- HUTCHISON, D. **Educação Ecológica**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.
- LITWIN, Edith (Org.). **Tecnologia Educacional**: Política, Histórias e Propostas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- LOBO NETO, Francisco José da Silveira. Tecnologia Educacional. In: **Revista Em Aberto**. Brasília: INEP, v.01, n. 07, p. 01 – 08, jun. 1982. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br/detalhes.asp?>> Acessado em 22/setembro/2007.
- MACIEL, Francisca I. Pereira. **As cartilhas e a história da alfabetização no Brasil: alguns apontamentos**. História da Educação. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11): 147-168, abr 2002.
- MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. In: Seminário Alfabetização e Letramento em debate. Brasília: Secretaria de Educação Básica/ MEC, 2006.
- MORTATTI, Maria Rosário Longo. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais? In: SCHOLZE, Lia e RÖSING, Tânia (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007.
- NAKOU, Irene. Educação Histórica: o uso de ferramentas culturais relacionadas com a diversidade de experiências e atitudes dos estudantes. **Currículo sem Fronteiras**, v.7, pp.137-159, Jan/Jun 2007.
- PRETO-BAY, Ana Maria R. Acesso social, práticas educativas e mudanças teórico-pedagógicas ligadas ao gênero textual. In: SCHOLZE, Lia e RÖSING, Tânia (Org.). **Teorias e práticas de letramento**. Brasília: INEP, 2007.
- ROCA, Miguel Soler. **El Analfabetismo em América Latina**: Reflexiones sobre los hechos, los problemas y las perspectivas. UNESCO: Oficina de Estadística, 1989.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora e GARCIA, Tânia Braga (Org.). Dossiê: Educação Histórica. **Educar em Revista**, Especial, Curitiba: Ed.UFPR, 2006.
- TFOUNI, Leda V. **Letramento e Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1995.

Coleções de História

CHARLIER, Anna Maria e SIMIELLI, Maria Elena. **Asas para voar: história.** São Paulo: Ática, 2008.

CHIANCA, Rosaly Braga e TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. **Pensar e Viver: história.** São Paulo: Ática, 2008.

LIMA, Maria. **História para crianças.** São Paulo: Ática, 2008.

MELANI, Maria Raquel. **Projeto Pitangua: história.** São Paulo: Moderna, 2008.

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro. **Ler o Mundo.** São Paulo: Scipione, 2008.

PINELA, Thatiane e GIARETTA, Liz Andréia. **De olho no futuro: história.** São Paulo: FTD, 2008.

URBAN, Ana Claudia e SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Eu conto história.** Curitiba: Base Editora, 2008.

ZAMBONI, Ernesta e CASTELAR, Sonia. **História (Coleção Curumim).** São Paulo: Saraiva, 2008.